

132 BR **Diretor será exonerado**

O diretor do Hospital Estadual Albert Schweitzer, Carlos de Carvalho Sobrinho, será exonerado pelo secretário estadual de Saúde, Antônio Luiz de Medina. O hospital, em Realengo, é acusado de ser responsável pelo desvio de R\$ 3 milhões — de um total de R\$ 28 milhões —, em 1994, na gestão de Astor de Mello na Secretaria Estadual de Saúde. Sobrinho é o único diretor remanescente da antiga administração e foi comunicado da decisão anteontem por Medina.

A Secretaria de Saúde confirmou ontem que o resultado das investigações do Tribunal de Contas do Estado deverá definir o afastamento de vários funcionários atualmente em cargos de confiança nos hospitais e que participaram da gestão de Astor. Entre eles, estariam o ex-diretor do Hospital Getúlio Vargas, na Penha, João Elias. Atualmente chefe do serviço cirúrgico do hospital, ele está há seis meses de licença e é acusado de ter feito compras irregulares.

Demissões — Segundo o superintendente de Servidores de Saúde da secretaria, Luiz Fernando Lomelino, muitas demissões deverão ser apressadas pela comprovação das fraudes.

Carlos Sobrinho foi ontem ao Albert Schweitzer despedir-se dos funcionários. Ele negou a ligação entre sua exoneração e o envolvi-

mento do hospital no escândalo das verbas desviadas: “Coloquei meu cargo à disposição desde o primeiro dia da nova secretaria. Coincidentemente, decidiram me afastar no momento em que as fraudes estouraram”.

Ele também considerou “fora de propósito” as acusações de que teria desviado R\$ 3 milhões — para compra de materiais médicos — para o Haras Chancellor, em Itaboraí, cujo dono é Antônio Carlos Cotrim. “Nunca recebemos mais de R\$ 50 mil em um mês”, disse, exibindo cópias de extratos da conta do Banco do Brasil por onde passam os cheques destinados ao hospital.

Pelo menos uma irregularidade cometida pela gestão de Astor de Mello foi admitida ontem pela direção do Hospital Estadual Getúlio Vargas, líder dos que teriam pago por produtos sem recebê-los. Sem manifestar-se sobre os números — só o seu hospital teria gasto cerca de R\$ 300 mil em produtos fantasmas —, o vice-diretor, Antônio Carvalho Sobreiro, admite que o diretor João Elias comprou em 1994 “um lote absurdo” de frascos para drenagem torácica. A quantidade exata de frascos, comprados da Zame, em Duque de Caxias, não foi revelada. Segundo a Secretaria de Saúde, porém, eles estão no hospital e poderiam abastecer por um ano a rede estadual.